

***Porco de Raça: A Máscara da Identidade e o Espetáculo da Desumanização*¹**

Fábio Ronaldo da Silva²

Israiane Moreira de Brito³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

Este texto analisa as intersecções de raça, classe e gênero no livro *Porco de Raça* (Ribeiro, 2021), com base na análise de conteúdo e na interseccionalidade (Crenshaw, 2002), e apoio de teóricos como Fanon (2008), hooks (2022) e Bento (2022). A pesquisa examina como essas categorias influenciam a identidade e trajetória do protagonista, um professor negro sequestrado e forçado a lutar em um espetáculo midiático. A obra expõe a desumanização do corpo negro, simbolizada pela supressão do nome e uso de máscaras. A análise também destaca o papel da mídia na criação e reforço de estereótipos. Conclui-se que *Porco de Raça* serve como um espelho crítico das dinâmicas sociais opressoras e reafirma o papel da literatura na reflexão sobre a experiência negra.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade; Identidade; Literatura Negra; *Porco de Raça*; Mídia.

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido é proveniente do projeto de pesquisa *A Intersecção Raça-Gênero na Literatura Ficcional Preta: Um Estudo Comparativo de “Ponciá Vicêncio” e “Porco de Raça”*, contemplado pelo Programa de Bolsas de Pesquisa e Extensão Afirmativas 2025 através da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

O projeto objetiva analisar comparativamente as dimensões de raça, gênero e classe a partir da ótica interseccional as obras literárias *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, e *Porco de Raça* de Bruno Ribeiro, demonstrando o potencial da literatura ficcional preta como meio de representação, compreensão e ressignificação das realidades marginalizadas, com suas perspectivas únicas que desafiam as narrativas dominantes.

Neste trabalho, a análise tem como base o romance *Porco de Raça* (Ribeiro, 2021). A pesquisa se apropria das ferramentas metodológicas da análise de conteúdo, tal como proposta por Cardoso e Lycarião (2021), em articulação com as lentes multifocais da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), de modo a oferecer uma leitura crítica e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB, e-mail: fabiosilva@uneb.br.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Pedagogia da UNEB, e-mail: israianebrito@gmail.com

sistemática da narrativa. As unidades de análise — cenas, diálogos e descrições previamente definidas — serão exploradas para o desenvolvimento de inferências sobre os significados e intenções subjacentes ao conteúdo da obra. O objetivo é compreender como a narrativa constrói e apresenta múltiplas camadas identitárias e sociais, evidenciando as interconexões entre raça, classe e gênero, e como essas categorias moldam experiências, identidades, relações de poder e estereótipos. Além disso, busca-se analisar de que maneira a mídia é representada no romance como um agente que contribui para a perpetuação de estereótipos que atravessam a trajetória do protagonista, revelando as imbricações entre representação literária e crítica social.

DISCUSSÕES

A história do livro acompanha um professor negro e desempregado que, em meio a uma tentativa de fugir da sua própria realidade, é sequestrado e forçado a lutar em um ringue clandestino, onde homens pobres são transformados em atração para entreter a elite e têm suas identidades escondidas atrás de pseudônimos e máscaras de animais. As lutas são tão aclamadas que, apesar do seu cunho violento, passa a ser transmitido na TV aberta em horário nobre para todos os públicos, se valendo da premissa de que os participantes são todos criminosos.

De início o protagonista se mostra desesperado, mas em meio a flashbacks do seu passado permeado pelo racismo estrutural, a glória da aprovação do público e a ideia de “ter um nome”, de “ser alguém” se tornam caminho de adaptação à brutalidade do ambiente, assumindo definitivamente a identidade de Porco Sucio, o seu personagem no programa *Zoo Fighters*.

A força da representação ficcional dos papéis sociais dentro da literatura, com toda a sua capacidade de espelhar e extrapolar a realidade, oferece um terreno fértil para a análise das complexas dinâmicas sociais que moldam a experiência humana. Vale (2024, p.119) diz que “as produções literárias latino-americanas, muitas vezes marginalizadas no cânone literário global, oferecem perspectivas únicas que desafiam as narrativas dominantes.” Na literatura negra, especificamente, é possível identificar um movimento de espelhamento, apresentando-se como um espaço crítico que mostra aos leitores negros que diversas experiências vivenciadas em uma sociedade estruturalmente racista não são casos isolados, mas uma dor coletiva.

É precisamente nesse terreno fértil que *Porco de Raça* semeia sua crítica. A narrativa distópica de um Brasil assolado pelo desemprego e pela marginalização serve

de pano de fundo para a jornada de um protagonista anônimo, um professor preto falido sequestrado para integrar um macabro programa de luta. A escolha consciente do autor em privar o personagem de um nome transcende a mera estratégia narrativa. Ela se configura como uma poderosa metáfora para a sistemática negação da individualidade e da humanidade plena de sujeitos racializados. Em um cenário distópico onde a marginalização e o desemprego corroem o tecido social, a ausência de um nome próprio intensifica a sensação de invisibilidade e de apagamento da existência do protagonista. Essa estratégia ressoa com as reflexões de Frantz Fanon (2008), onde o autor explora a internalização do olhar do outro e a dificuldade de construir uma identidade autêntica sob o peso do racismo. Para Fanon, o indivíduo negro é frequentemente aprisionado em uma “epiderme racial”, sendo definido e julgado pelas projeções e estereótipos do olhar branco sobre a cor da sua pele, o que dificulta a emergência de um “eu” autônomo e reconhecido, destacando também que a conduta que a sociedade espera de alguém possuidor de um corpo masculino negro é diferente das expectativas sobre um homem branco que, segundo Cida Bento (2022), se posiciona no mundo como ser universal, o referencial. A ausência de nome em “Porco de Raça” pode ser interpretada como a manifestação dessa ausência de reconhecimento, uma vida desprovida da marca distintiva que confere singularidade e valor.

A busca desesperada do protagonista por reconhecimento no olhar do outro, por “ter um nome” e “ser alguém” revela a fragilidade de uma identidade construída sobre a desvalorização intrínseca. Como expõe bell hooks (2022), muitos homens negros crescem em uma sociedade que os teme, mas raramente os ama, o que impacta profundamente sua autoestima e sua capacidade de construir um senso de valor próprio. A validação obtida no programa de luta, baseada na violência e no anonimato, é uma forma distorcida e superficial de reconhecimento, que não preenche o vazio de uma identidade fundamentalmente desvalorizada. Essa busca incessante por aprovação dos ditos “grandes” pode ser lida também como uma fuga desesperada da invisibilidade social imposta pela pobreza e pelo fracasso econômico, considerando a realidade vivenciada pelo personagem, sendo um professor falido, uma forma de poder acessível a ele dentro daquele sistema. A “glória” no ringue, embora distorcida, oferece um tipo de reconhecimento que o sistema econômico lhe negou. É uma ascensão simbólica que contrasta com sua queda econômica real.

A entrada forçada do protagonista no programa de luta, onde o anonimato é reforçado pelo uso de máscaras, agrava ainda mais essa desapropriação do “eu”. As

máscaras não apenas ocultam os rostos, mas também apagam as histórias e as individualidades dos participantes, transformando-os em meros corpos a serem consumidos pelo espetáculo da violência, isentos do sentimento de empatia. Em dado momento da trama, após o professor quebrar uma regra do jogo e retirar a sua máscara durante uma luta expondo sua identidade, um dos homens incumbidos de executar sua penalidade afirma que “no momento que vocês mostram essas caras pretas e feias, vocês se tornam humanos, fofos, gente como a gente. Aí o povo fica com peninha.” (Ribeiro, 2021. p.148). Ele apresenta a humanização dos lutadores como algo ruim para os negócios.

Essa despersonalização ecoa a coisificação do corpo negro historicamente perpetuada pelo racismo, como argumenta bell hooks (2022), ao afirmar que na cultura supremacista branca e patriarcal o homem preto é socializado a aprender que “ser agressivo é a forma mais simples de afirmar a masculinidade” (hooks, 2002. p.109) e que o corpo negro sempre foi um local de projeção de medo e violência, despojado de sua subjetividade e complexidade. No contexto do programa de luta, as máscaras servem como um instrumento de desumanização, facilitando a aceitação da violência contra corpos anônimos, despojados de qualquer traço de humanidade reconhecível e que possuem em comum a característica predominante da quantidade de melanina manifestada em suas peles.

No cerne da trama, a mídia assume um papel perverso, fortalecendo estereótipos de violência e criminalidade para legitimar o espetáculo de luta, onde os participantes, utilizando máscaras para ocultar suas identidades, são apresentados para o público como a escória da sociedade, “um bando de meliantes perversos” (Ribeiro, 2021. p.148), uma nítida simplificação e distorção da realidade que não condiz com a história do personagem, destituído de sua identidade para assumir o papel de porco súcio. Trata-se de um exemplo claro de como a narrativa expõe a violência simbólica da mídia na construção de estereótipos sobre identidades racializadas e marginalizadas, sendo base forte para manutenção da masculinidade patriarcal.

Hooks argumenta que a mídia de massa contribui significativamente para a “demonização [...] de homens negros como o epítome da masculinidade patriarcal brutal” (2024, p.7). A função ideológica dessa representação, segundo a autora, é estratégica: “fazer parecer que a masculinidade ameaçadora — o estuprador, o terrorista, o assassino — é realmente uma outra pessoa escura” (hooks, 2024. p.7). Ao projetar os elementos

mais violentos do patriarcado sobre os homens negros, os “patriarcas brancos são capazes de desviar a atenção da própria misoginia” (hooks, 2024. p.7).

Mostrando a apropriação do personagem ao papel que lhe foi imposto brutalmente em nome da idealização de uma vida com aprovação e reconhecimento, durante a sua morte que é transmitida ao vivo, o protagonista conclui: “eu tenho um nome, tenho acesso, apareço na televisão, sou VIP, (...) finalmente (...) não tenho mais aquele rosto. (...) Eu sou o Porco Súcio.” (Ribeiro, 2021, p.169). Tudo isso enquanto repórteres dizem que o amam, o chamam de herói e enaltecem o reality show.

Dessa forma, a fundamentação teórica aqui delineada compreende a mídia como um agente ativo no reforço de estereótipos da masculinidade patriarcal. Contudo, esse reforço não é neutro, operando através de mecanismos racializados que singularizam os homens negros, construindo-os como a personificação da “besta” violenta. Tal estratégia serve simultaneamente para perpetuar o racismo e para obscurecer a natureza sistêmica da violência patriarcal, inclusive aquela perpetrada por homens brancos que se colocam como detentores do direito e do poder sobre o Outro, vítima da coisificação e desumanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Porco de Raça* revela como a obra utiliza uma narrativa distópica para dissecar, com crueza, as feridas abertas pelas intersecções de raça, classe e gênero na sociedade brasileira. A trajetória do protagonista, marcada pela anulação de sua identidade e pela busca desesperada por reconhecimento através da violência espetacularizada, evidencia os mecanismos de desumanização analisados à luz de Fanon (2008) e hooks (2002). Conforme demonstrado, a mídia emerge não como mera espectadora, mas como agente central na coisificação desses corpos e na perpetuação de estereótipos de masculinidade negra que servem para legitimar a violência e ocultar as estruturas de poder racistas e patriarcais. Assim, a aparente “absurdez” da bestialização e do consumo da dor em *Porco de Raça* transcende a ficção: ela funciona como um espelho perturbador que reflete e amplifica mecanismos reais de apagamento e opressão. É nesse ponto que a obra demonstra sua força, proporcionando um doloroso, porém necessário, processo de reconhecimento para o leitor e reafirmando o potencial da literatura como espaço de denúncia, reflexão e confronto com a realidade

REFERÊNCIAS

- BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2022.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-188. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/317>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HOOKS, b. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícios da Silva. São Paulo: Editora Elefante: 2022.
- HOOKS, b. **Cultura popular**: masculinidade da mídia. Tradução de Carol Correia. Enugbárijó, Medium, 2024. Disponível em: <https://medium.com/enugbarijo/cultura-popular-masculinidade-da-m%C3%ADdia-por-bell-ho...> Acesso em: 16 abr. 2025.
- RIBEIRO, Bruno. **Porco de Raça**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2021.
- SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo Categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.
- VALE, F. Literatura comparada: (des)comparar para (re)comparar a partir do idioma brasileiro. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 1, p. 111-133, jan./dez. 2024.